



PT Cidadania, Democracia e Revolução

Florestan Fernandes

Apresentação

Artur Scavone é um representante típico do petista que não perdeu a fé no PT e em sua capacidade de combinar o socialismo com as responsabilidades dos militantes de transformar a sociedade capitalista em todas as suas estruturas, dinamismos e direções. Ele não teme lançar-se candidato através de uma manifestação que questiona os fundamentos do PT como partido identificado com a luta de classes e as perspectivas da passagem da reforma estrutural (revolução dentro da ordem) para a revolução contra a ordem. Pode parecer um exagero essa antecipação. Por que um candidato a vereador percorre essa trilha, repudiando o governo Collor e insistindo no significado maior do PT?

Uma primeira razão é prática e teórica. O PT defronta-se com as exigências históricas de suas promessas e com os fins imediatos e finais de um partido socialista. Ele não parte, além disso, de uma sociedade civil aberta e democrática. Mas de um mundo social que tiraniza os pobres e os trabalhadores e os reduz à miséria. A acumulação capitalista acelerada, sob o desenvolvimento e o modelo de imperialismo imposto pelo capitalismo oligopolista de hoje, requer essas premissas históricas desumanas. A segunda razão é que São Paulo constitui uma megalópolis da periferia, uma concentração congestionada de massas errantes em busca de trabalho, vivendo abaixo dos limites da pobreza absoluta, de um exército operário ativo superespoliado e uma minoria despótica dotada de todos os privilégios imagináveis. A

megalópolis reflete as iniquidades intrínsecas ao capitalismo associado e periférico de uma forma perturbadora e em constante agravamento. Só a consciência social socialista pode abranger todos os aspectos mais cruéis da vida, das condições de trabalho e de exploração permanente dos moradores que não são cidadãos ou que são cidadãos sem peso social e sem voz política na moenda de seres humanos destituídos, despossuídos e condenados, em sua maioria, ao “trabalho sujo”.

Daí a importância de um código de princípios. A megalópolis mergulha na conjuntura nacional e internacional e, ao mesmo tempo, dirige suas garras para dentro de si própria e para todo o interior do país. Ela sateliza o desenvolvimento do conjunto das regiões mais ou menos ricas e mais ou menos pobres do próprio estado em que se insere a Nação. E atua como intermediária da exploração das empresas gigantes estrangeiras e do capital financeiro internacional. Em uma crise econômica, social e política profunda e prolongada ela funciona como barril de pólvora e como uma fortaleza natural da contra-revolução latente em processo. O vereador aparece, pois, como um agente histórico privilegiado – quer ele represente as classes subalternizadas, quer ele represente as classes dominantes. Sendo socialista e militante do PT, é seu dever deixar clara a totalidade da situação da megalópolis, as tarefas do Partido que poderá representar, se eleito, e os pontos de referência de seus papéis mínimos diante daqueles que representa, do Partido e da construção de uma sociedade nova no país.

Seria mais fácil e menos complexo e comprometedor apregoar os fins do mandato dentro de um prisma eleitoral e induzir os eleitores a cair na armadilha da propaganda. Essa é a orientação corrente. Só que essa espécie de “política prática” nada tem de socialista. Ela prescinde de uma comunhão de idéias e de valores e toma a cidade como um pretexto do “discurso eleitoral”. Passadas as eleições, cessam os laços de simpatia e a representação se volatiliza como se fosse uma atribuição exclusiva do eleito, sem qualquer vínculo de reciprocidade moral e política. Porém, o caminho apontado por Scavone desdobra vários nexos sucessivos de obrigações que fazem do candidato, do Partido, do mandato, das relações com a cidade e com sua administração e transformação expressões independentes de uma mesma vontade política de impedir que a megalópolis se deteriore e se desorganize conforme o padrão recente do capitalismo monopolista hodierno.

Tal vontade só pode ser socialista. A transição da metrópole para megalópolis, que está transtornando a cidade de São Paulo em todos os níveis de existência, poupando apenas os de cima e os que mandam, representa o máximo de barbárie produzida pela civilização do capital. Os vereadores de

um só partido, ainda que seja numeroso e poderoso, não poderiam tolher o processo, denunciado com insistência desde os fins da década de 60 e o início dos 70 por arquitetos, urbanistas, sociólogos, demógrafos, geógrafos, antropólogos, políticos de maior visão etc. Somente o planejamento urbano associado à participação popular mais firme e intensa pode limitar seu alcance destrutivo e exclusivamente o socialismo seria capaz de proceder à sua superação. No Brasil o problema mal foi tocado em seus aspectos mais superficiais e denunciado através de seus efeitos pungentes, como a concentração de migrantes errantes, de excluídos, de meninos de rua, da prostituição das meninas, o aumento da violência ofensiva e defensiva, policial-militar ou civil, a multiplicação das favelas, o impacto avassalador da fome etc. Outros aspectos ficam mascarados, como a especulação financeira internacional, o desalojamento dos moradores, a criação de um “inferno urbano” trágico e vergonhoso.

Artur Scavone apanha o ângulo de um partido que precisa por em primeiro lugar o espaço da pessoa e, por isso, parte da conjuntura nacional e sua ligação com os centros externos de dominação econômica e tecnológica, do PT e de sua concepção socialista de mundo, enquadrando a árvore e a floresta em um mesmo foco. A questão não consiste em ganhar votos e ocupar posições eletivas. Mas em ver com clareza que o vereador estará perdido, como qualquer parlamentar, se não dispuser de um horizonte intelectual e político que conduza diretamente ao essencial. A cidade não pode continuar assim. A última prefeita, saída do PT, Luiza Erundina de Souza, deu um salto na direção certa. Esse ponto de partida aparece como uma gota d'água no oceano. O PT deve travar uma batalha árdua e demorada para ir além e retirar da única megalópolis brasileira o seu grau de desumanidade. A palavra “recuperar” não contém sentido aqui. Trata-se de reverter o curso de um processo nefasto e substituí-lo por um processo inverso, que funde o bem estar dos moradores permanentes ou transitórios em padrões de vida, de segurança, de cidadania e de diversão nas facilidades que a presente civilização engendrou, restringindo-os a uma ínfima minoria. O vereador é uma pequena peça nesse vasto mundo de mudanças ecológicas, mentais, sociais, culturais e políticas. Todavia, ele poderá ser muito útil e criativo se souber, como Scavone, quais são as tarefas reais que seu mandato envolve. É o que este folheto indica, sem qualquer dúvida, com admirável integridade e coragem.

São Paulo, 22 de março de 1992

Florestan Fernandes.